

## Introdução

### *As Lições da Primeira Década*

O título deste livro propõe-se ao leitor como um teste de QI elementar: se a primeira associação que suscita em quem o lê é o *cliché* anticomunista corrente — «Sim, é claro. Hoje, depois da tragédia do totalitarismo do século xx, tudo o que se diga de um regresso ao comunismo só pode ser uma farsa!» —, o meu conselho sincero, a esse leitor, é que não vá mais longe. Mais ainda, o livro deveria ser-lhe coercivamente confiscado, uma vez que se ocupa de uma tragédia e de uma farsa inteiramente diferentes, ou seja dos dois acontecimentos que marcam o começo e o fim da primeira década do século xxi: os ataques de 11 de Setembro de 2001 e a derrocada financeira de 2008.

Deveríamos considerar aqui a semelhança, no plano da linguagem, das mensagens do Presidente Bush endereçadas ao povo americano depois do 11 de Setembro e depois do colapso financeiro de 2008: dir-se-ia estarmos como que diante de duas versões do mesmo discurso. Nos dois casos, Bush evocou a ameaça ao modo de vida americano e a necessidade de agir rápida e decididamente enfrentando o perigo. Nos dois casos, reclamou a suspensão parcial dos valores americanos (garantias das liberdades individuais, capitalismo de mercado) tendo em vista salvar esses mesmos valores. Quais as causas destas semelhanças?

Marx começou o seu *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* corrigindo a ideia de Hegel segundo a qual a História se repete neces-

sariamente: «Hegel observa algures que todos os grandes acontecimentos e personagens da História mundial sobrevêm, por assim dizer, duas vezes. Esqueceu-se de acrescentar: a primeira vez como tragédia, e a segunda como farsa»<sup>1</sup>. Esta adenda à concepção que Hegel fazia da repetição histórica era uma figura retórica que já obcecara Marx alguns anos antes: encontramos-a na sua *Contribuição para a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, utilizada para diagnosticar a derrocada do *Ancien Régime* alemão ao longo das décadas de 1830 e 1840 como repetição sob a forma de farsa da queda trágica do *Ancien Régime* francês:

É instrutivo para [as nações modernas] verem o *Ancien Régime*, que conheceu nelas uma experiência *trágica*, desempenhar o seu papel *cómico* sob a forma de um fantasma alemão. A sua história foi *trágica* enquanto foi o poder pré-existente no mundo, e a liberdade um simples capricho pessoal — ou, numa palavra, enquanto acreditou, como tinha de acreditar, nos seus próprios privilégios. Enquanto o *Ancien Régime*, enquanto mundo estabelecido, lutava contra um mundo que começava somente a emergir, havia da sua parte um erro histórico-mundial, mas não um erro pessoal. A sua decadência era, portanto, trágica.

O regime alemão actual, em contrapartida — um anacronismo, uma contradição flagrante de axiomas universalmente admitidos, a futilidade do *Ancien Régime* exposta à vista do mundo inteiro —, não faz mais do que imaginar que ainda crê em si mesmo e pede ao mundo que compartilhe a sua fantasia. Se acreditasse na sua própria *natureza*, tentaria escondê-la sob a *aparência* de uma natureza estranha e encontrar a sua salvação na hipocrisia e no sofisma? O *Ancien Régime* moderno é antes simplesmente o *comediante* de uma ordem do mundo cujos *heróis reais* morreram. A História continua o seu caminho e atravessa múltiplas fases enquanto conduz à sepultura uma forma do passado. A última fase de uma forma da História mundial é a sua *comédia*. Os deuses gregos, tragicamente feridos de morte pela primeira vez no *Prometeu Agrilhoado* de Ésquilo, tive-

<sup>1</sup> Karl Marx, «The Eighteenth Brumaire of Louis Boanaparte», em *Surveys From Exile*, edição e apresentação de David Fernbach, Harmondsworth, Penguin 1973, p. 146.

ram de sofrer uma segunda morte, uma morte cómica, nos *Diálogos* de Luciano. Porque é este o curso da História? Para que a humanidade se separe *felizmente* do seu passado. E é este *feliz* destino histórico que reclamamos para as forças políticas da Alemanha<sup>2</sup>.

Notemos a caracterização precisa do *Ancien Régime* alemão como regime que «não faz mais do que imaginar que ainda crê em si mesmo» — e podemos até especular sobre o que significará o facto de, durante o mesmo período, Kierkegaard ter elaborado a ideia de que nós, seres humanos, não podemos estar certos daquilo em que cremos: em última instância, não fazemos mais do que «crer que cremos». A fórmula do regime que «não faz mais do que imaginar que crê em si mesmo» capta magnificamente a abolição do poder performativo («eficácia simbólica») da ideologia dominante: esta, na realidade, deixa de funcionar eficazmente como estrutura fundamental do laço social. E podemos perguntar-nos se não estaremos hoje na mesma situação? Não se poderia dizer que aqueles que pregam e praticam hoje a democracia liberal «não fazem mais do que imaginar que crêem em si mesmos» e nas suas próprias declarações? De facto, seria mais adequado descrevermos o cinismo contemporâneo como uma inversão exacta da fórmula de Marx: hoje, não fazemos mais do que imaginar que *não* «cremos realmente» na nossa ideologia — e, a despeito, da distância imaginária a que nos pomos dela, continuamos a praticá-la. Benjamin deu provas de uma invulgar clarividência ao observar que «tudo depende do modo como cremos na nossa crença»<sup>3</sup>.

Doze anos antes do 11 de Setembro, a 9 de Novembro de 1989, caía o Muro de Berlim. Este acontecimento pareceu anunciar o começo dos «felizes anos 90», a utopia do «fim da História» de Francis Fukuyama, a crença na vitória, assegurada em princípio, da democracia liberal, no advento, ao dobrar da esquina, de uma comunidade liberal global e na natureza meramente empírica e contingente dos obstáculos que ainda nos separavam deste final de filme de Hollywood (bolsas locais de resistência cujos líderes ain-

2 Karl Marx, «A Contribution to the Critique of Hegel's Philosophy of Right», em *Early Writings*, apresentados por Lucio Coletti, Harmondsworth, Penguin, 1975.

3 Walter Benjamin, *Gesammelte Briefe*, vol. I, Frankfurt, Suhrkamp Verlag, 1995, p. 182.

da não tinham compreendido que o seu tempo acabara). O 11 de Setembro, pelo contrário, simbolizou o fim do período clintoniano e anunciou uma época em que veríamos novos muros serem construídos por toda a parte: entre Israel e a Faixa de Gaza, em torno da União Europeia, ao longo da fronteira dos Estados Unidos com o México, mas também no interior dos próprios Estados-nação.

Num artigo publicado na *Newsweek*, Emily Flynn Vencat e Ginanne Bronwell descrevem como, hoje em dia,

o fenómeno «reservado aos membros» explode dando lugar a todo um modo de vida, englobando um conjunto que vai das condições bancárias personalizadas às clínicas de manutenção só para convidados ... as pessoas com dinheiro optam cada vez mais por uma vida à porta fechada. Em vez de participarem em eventos fortemente mediatizados, organizam a título privado concertos, passagens de modelo, exposições de arte que têm lugar em casa. Vão às compras fora dos horários de funcionamento normal das lojas e escolhem os seus vizinhos (e amigos potenciais) segundo critérios de condição social e nível económico.

Emerge assim uma nova classe global cujos membros possuem, «por exemplo, um passaporte indiano, um castelo na Escócia, um *pied-à-terre* em Manhattan e uma ilha privada nas Caraíbas». O paradoxo é que os membros desta classe global «jantam em privado, vão às compras em privado, admiram obras de arte em privado, fazem tudo em privado, privado, privado». «Estão deste modo a criar um mundo-de-vida próprio e à parte tentando resolver o problema hermenêutico que os angustia: como diz Todd Millay, “as famílias muito ricas simplesmente não podem convidar outras pessoas e esperar que estas compreendam o que é terem-se 300 milhões de dólares”». Que contactos mantêm, então, com o resto do mundo em geral? Esses contactos assumem duas formas: os negócios e o humanitário (proteger o meio ambiente, combater a doença, apoiar as artes, etc.). Os novos «cidadãos globais» passam a maior parte do tempo no meio de uma natureza sem mácula — a fazer *trekking* na Patagónia ou a nadar nas águas límpidas das suas ilhas privadas. Não podemos deixar de nos dar conta de que um

traço fundamental da atitude destes super-ricos entrincheirados nas suas fortalezas é o *medo*: medo da vida social no exterior enquanto tal. As prioridades mais urgentes do «grupo dos excepcionalmente ricos» são, portanto, minimizar as ameaças à sua segurança: doença, exposição a actos de violência criminosa, etc.<sup>4</sup>

Na China contemporânea, os novos ricos construíram comunidades exclusivas que tomam por modelo pequenas cidades ocidentais idealizadas e «típicas»: perto de Xangai, por exemplo, encontramos a réplica «real» de uma cidade de província inglesa, com a sua rua principal e os seus *pubs*, uma igreja anglicana, um supermercado Sainsbury, etc.; toda a área residencial está isolada do mundo que a rodeia por uma cúpula invisível, mas nem por isso menos real. Já não temos aqui uma hierarquia de grupos sociais no interior da mesma nação: os residentes desta área de habitação vivem num universo para o qual, no quadro do seu imaginário ideológico, a «classe inferior» do mundo circundante simplesmente *deixa de existir*. Não serão estes «cidadãos globais» que vivem em áreas reservadas o verdadeiro antípoda dos que vivem nos bairros de lata e outras «malhas» do espaço público? Uns e outros são, de facto, os dois lados de uma mesma moeda, os dois extremos da nova divisão das classes. A cidade que melhor encarna esta divisão é São Paulo, no Brasil de Lula, que se pode orgulhar de duzentos e cinquenta heliportos na sua zona central. Para se isolarem dos perigos acarretados pelo contacto com os seres humanos comuns, os ricos de São Paulo preferem servir-se de helicópteros, o que faz com que, quando olhamos o horizonte da cidade, tenhamos a impressão de estar numa megalópole do futuro do tipo das que aparecem em filmes como *Blade Runner* ou *O Quinto Elemento*, onde a gente comum pulula nas ruas perigosas do solo enquanto os ricos pairam no ar, num plano superior.

Dir-se-ia assim que a utopia de Fukuyama da década de 1990 teve de morrer duas vezes, uma vez que o colapso da utopia política democrático-liberal no 11 de Setembro não afectou a utopia económica do capitalismo do mercado global: se a crise financeira

4 Emily Flynn Vencat e Ginanne Brownell, «Ah, the secluded life», *Newsweek*, 10 de Dezembro de 2007.